

Imaginário do Corpo, Gênero e Sexualidade entre
adolescentes de Belém e na História

Rosângela da Silva Quintela – Fundação Pio XII
(FUNPAPA)/ Prefeitura Municipal de Belém

Este texto apresenta a imbricação do cotidiano de 25 adolescentes, na faixa etária de 15 a 17 anos, moradores de um bairro popular da cidade de Belém, denominado Guamá, com questões acerca de imaginário do corpo, gênero, sexualidade, utilizando perspectivas históricas para analisar a relação entre imaginário do corpo contemporâneo e de outras épocas. As reflexões aqui expostas são resultados da pesquisa de dois anos que serviram de base para a confecção de minha dissertação de mestrado, apresentada em fevereiro de 2002 ao Departamento de Antropologia da Universidade federal do Pará. Para preservar a identidade desses adolescentes, os identifico de flores.

O cotidiano dos adolescentes expressa toda uma complexidade da historicidade dos comportamentos culturais, pois segundo Leuilliot:

“O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada (...) este “mundo memória”. (...) É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares de infância, memórias do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história (...)” (*apud* CERTEAU et al., 1996: 31)¹

Os adolescentes da pesquisa manifestam o que sofrem “na pele” o estigma de morarem num bairro considerado pobre e perigoso, reagindo de modo a repassarem essa condição uns aos outros. Em muitos momentos, estes se ridicularizavam entre si, fazendo “encarnação”² através da seguinte afirmação: “no Guamá só tem ladrão”. Outras vezes, faziam questões de destacar o Guamá como o pior lugar para se morar. Estigma é um termo que os gregos criaram para se referirem a sinais corporais, capazes de evidenciar alguma coisa fora dos padrões ou depreciada envolvendo o *status* moral de quem os apresentava. (GOFFMAN, 1980)³ No depoimento das meninas e meninos da pesquisa são marcantes esses sinais corporais, quando enumeram qualidades negativas, defeitos, associando-os às representações que têm de si mesmo: “sou feia e detesto meu cabelo” foi a caracterização que Violeta fez de si. Essa representação de si transmite a seguinte mensagem: sou negra, tenho cabelo de negra e moro num espaço considerado pobre e perigoso. Desse modo, ela pontua como gosta de ser considerada: “eu gosto ser chamada de gostosa”. Ser “gostosa” no cotidiano é ter sinais corporais que são valorizados pelo imaginário masculino. É a

¹ CERTEAU, Michel de et al. “O Bairro” In: A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

² Na linguagem dos adolescentes, significa fazer pilhéria com as pessoas.

³ GOFFMAN, Erving. Estigma. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1980.

mulher que quando passa os homens “mexem”: “ei gostosa!,” atitude muito presente nas ruas do bairro. Isso mostra como o espaço de moradia implica na construção do indivíduo, da alteridade e da relação entre indivíduos, grupos e sociedade, de forma que se constitui numa expressão de marcas culturais que são expressas intensamente na dimensão simbólica do corpo.

Também o olhar institucional referente ao espaço de moradia contribui para que se conheça a realidade violenta que as crianças e os adolescentes enfrentam em seu dia-a-dia no Bairro do Guamá. Entre várias instituições, encontram-se o Lar Fabiano de Cristo e a Fundação Pio XII (FUNPAPA), responsável por executar o plano de política social municipal de Belém atuando em tal contexto. O Quadro 2 ilustra a condição de violência que crianças e adolescentes estão submetidas no referido bairro.

QUADRO 2
VIOLÊNCIA COMETIDA
CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES
NO BAIRRO DO GUAMÁ (1997)

Tipos De Violência	Colocação em Relação aos outros Bairros
Lesões corporais	1º lugar
Maus tratos	3º lugar
Desaparecimentos	3º lugar
Atentado violento ao pudor	4º lugar
Estupros	1º lugar
Homicídios	2º lugar
Raptos	2º lugar
Outros tipos (aliciamento, cárcere privado, tentativa de homicídio e envenenamento)	2º lugar

Fonte: Centro de Defesa da Criança e do Adolescente
Relatório Sobre Violência Contra Crianças e
Adolescentes na Região Metropolitana de Belém, 1997

Contudo, considero que a vivência no/do grupo de adolescentes interlocutores da pesquisa pode metaforicamente ser um jardim, contendo o mesmo significado de pedaço definido por Magnani (1984)⁴: um espaço demarcado por se tornar um ponto de referência de um determinado grupo, composto por seus freqüentadores, pertencentes a uma rede de relações. Sendo assim, as flores no jardim manifestam, ao mesmo tempo, toda a singularidade e universalidade presentes na vida humana. São, simultaneamente, diferentes e iguais, no sentido de haver recorrências e/ou particularidades em suas atitudes e formas de pensar. Expressam o entrelaçamento de serem sujeitos, produtores de suas ações, percepções, constituído-se como indivíduos, e de estarem ligados a um contexto histórico-social, perpassado por maneiras regularmente estabelecidas

⁴ MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Quando o Campo é a Cidade” In: *Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp/Fadusp, 1996.

de se portar diante de si e do outro. De todo modo, isso tudo é marcado pela permanente tensão existente entre passado, presente e futuro. Esta tensão pode ser ilustrada da seguinte forma.

A menina que foi identificada pelo nome da flor Feiticeira ficou zangada e exigiu que o cognome fosse mudado. Isto ocorreu porque todo o grupo fez gracejos com a denominação. Esse fato fez com que me interessasse pela historicidade da palavra feiticeira, descobrindo que o teor pejorativo que a acompanha foi tão intensamente implementado pela Igreja Católica e diz respeito às representações socioculturais da mulher no discurso religioso. Vista por esse ângulo, a mulher sempre seria suscetível à personificação de todo o mal como obra de demônios. Nesse discurso, as mulheres são consideradas como aquelas que não conhecem moderação:

“(…) quando ultrapassam os limites de sua condição atingem as maiores alturas na bondade e as mais fundas profundezas no vício. Quando governadas por espíritos do bem, atingem o acme da virtude; mas, quando governada por espíritos do mal, se comprazem nos piores vícios possíveis.”(KRAMER & SPRENGER,1484: 113)⁵

O acontecimento inesperado da feiticeira serviu para mostrar que as representações e comportamentos dos adolescentes estão implicados a um contexto maior. Depois do primeiro momento, voltei a conversar com Gardênia e com os meninos. Gardênia participa da Igreja da Assembléia de Deus e o pastor da igreja dela sempre diz que se deve afastar de todo o mal, dos falsos profetas, das coisas diabólicas e que se deve ter sempre Deus no coração para poder escapar dos feitiços, das bruxarias, que levam sempre para o pecado. Perguntei também para os meninos por que fizeram pilhéria e eles me surpreenderam na diversidade de suas respostas. Sininho, por exemplo, disse: “esse nome combina com ela, porque ela é feia pra xuxu”. Amor-perfeito afirmou que: “ela não pode ser feiticeira...a feiticeira é boa demais”. Na fala de Sininho a feiticeira é uma mulher feia, que mete medo. Todavia, na fala de Amor-perfeito aparece a personagem de um programa de televisão identificada como símbolo sexual. Diante de tais depoimentos, pode-se perceber a relação entre a imagem da mulher e a sua sexualidade, como também a imbricação entre o corpo belo e sensual da mulher e seu oposto que é o corpo feio e não sensual.

Esse imaginário de corpo feminino está relacionado com as representações e vivências dos adolescentes em termos de sedução, amor e paixão, que, por sua vez, diluem-se em formas de namoro, gravidez e constituição de família. Sendo assim, os depoimentos de Azaléia, Fascínio e Sininho enfatizam a separação entre amor e paixão.

As flores meninas contam que é freqüente acreditarem que estão apaixonadas, amando e sendo correspondidas, mas quando ocorre a primeira relação sexual e/ou gravidez

⁵ KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. Malleus Maleficarum: O Martelo das Feiticeiras (escrito em 1484 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger). Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

acidental, descobrem que não passam de uma conquista, de uma sedução, sendo “desprezadas” por seus parceiros. A partir daí passam a ser diferentes. Algumas resolvem também fazer o jogo da sedução: “ferir para não ser ferida,” assumindo o papel de sedutora e não mais de seduzida e outras se recolhem, ficam “cabreiras,” esperando que um novo amor possa superar a dor da desilusão. Kehl⁶ explica que a sedução é um jogo:

“Caçada silenciosa entre dois olhares; captura numa rede perigosa de palavras. Jogo arriscado e fascinante – angústia e gozo – onde o vencedor não sabe o que fazer de seu troféu e o perdedor só sabe que perdeu o rumo: um jogo cuja única possibilidade de empate se chama amor” (1988:411)

Entre os meninos, Cravo se considera o seduzido, porque sua namorada “armou” para ele:

“ela fez de tudo pra gente forjar no dia em que estava fértil. Eu, no início disse que não, mas ela me tentou tanto, que não resisti. Depois apareceu grávida e todo mundo me culpou. As meninas me chamam de cafajeste, mas eu me sinto enganado. Estou cabreiro”.

Nesse caso, as meninas estão mais dispostas a amar e os meninos a ter prazer sexual. Confirmando o que Kehl (1988) anunciou quanto à diferença entre o olhar da sedução feminino e masculino. É necessário, segundo ela, que os homens aprendam a amar e as mulheres a ter prazer sexual, para que ninguém saia perdendo na relação a dois, quando se trata de limites culturais. Assim, aqui fica exposta uma questão de gênero, no sentido aproximado ao que Kofes propõe quando se remete a tal questão:

“Quando se fala em Gênero, hoje, a intenção seria, no mínimo, a de tomar distância do que nos parece um inevitável para nos por a pensar sobre o que sociedades e culturas estão dizendo sobre si mesmas quando falam, e o fazem de formas múltiplas, sobre diferenças entre os sexos. É o lugar analítico onde nos colocamos para compreender e analisar o que está sendo dito sobre e com esta diferença”. (1996: 7)

Pode-se concluir que os interlocutores da pesquisa são *à flor da pele*, vivem tudo intensamente, fazem tudo parecer tragédias ou incríveis descobertas no dia-a-dia. Ou o mundo está acabando ou está nascendo. São uns furacões, no bom sentido. Eles são corpos. Seus corpos são eles. Quer dizer, são unidades integradas e não separadas em corpo e mente. O corpo fala, sente, toca e comunga tudo que vivenciam, tornando-se a escritura de argila que são, ou seja, um texto concreto do eu, do outro, dos nós contidos, entrelaçados em suas relações e em suas vivências (LELOUP,1998). Não se sustenta, portanto, a dicotomia corpo-alma. Como diz Maurice Merleau-Ponty:

“[a] relação corpo-mundo é estesiológica: há a carne do corpo e a do mundo; há em cada um deles uma interioridade que se propaga para o outro numa reversibilidade permanente. ‘O mundo está todo dentro e eu

⁶ KEHL, Maria Rita. “Masculino/Feminino: o olhar da sedução” In: Aduato Novaes (et.al.). *O Olhar*. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.

estou todo fora'. Corpo e mundo são um 'campo de presença' onde emergem todas as relações da vida perceptiva e do mundo sensível." (*apud* CHAUI, 1984:XII)⁷

Portanto, no contexto pesquisado é possível tratar o corpo numa dimensão simbólica, fazendo associação com um corpo perfeito/imperfeito, feio/bonito, correspondente ao imaginário contemporâneo que valoriza intensamente o corpo juvenil, sedutor e perfeito e, conseqüentemente, discrimina o que não se enquadra em tais padrões. Isso pode ser relacionado com que Wolf (1992)⁸ chama de mito da beleza, que se constitui atualmente na forte tendência de exigir um padrão de estética da aparência nas mulheres, o qual exige performance impecável do rosto, do corpo todo e da apresentação visual.

Nesses termos, aparece um corpo com significados relacionados à sedução, com o bonito, no que diz respeito às vivências de sexualidade dos interlocutores da pesquisa, que vão além das questões raciais e do mito de beleza imposto às mulheres, segundo Wolf (1992,), pois os padrões desses significados envolvem os meninos e as meninas da pesquisa. Souza Neto⁹ denomina esse imaginário de uma visão de mundo que estabelece um novo culto ao corpo, corpolatria, que exige sacrifícios penitências e roupas adequadas. É um tempo de espelhos, de imagens. Para ele:

“[o] culto ao corpo tem no século XX a sua marca registrada. Começa com a eugenia, a depuração do corpo enquanto raça, que tem nos anos trinta o seu desenvolvimento no país. Corrobora para essa ideologia o fisiculturismo (cultura do físico), com o desenvolvimento das formas anatômicas. Com o tempo surgem Mr. América, Super-Homem, Batman, Conan. Na ala feminina, é a vez das Misses Universo, da Mulher-Maravilha, das Amazonas etc. Mito, lenda, ficção e realidade se entrelaçam resgatando parte do universo grego mágico. Da realidade concreta sairão os atletas buscando a esteira do ideal olímpico 'mais rápido, mais alto, mais rápido, mais forte'. Semideuses no período helênico, heróis na nossa época.”(1996: 28-29)

Todavia, O culto ao corpo não é exclusividade de nossa sociedade, nem do século XX. Perón mostra que no antigo Egito e em outras sociedades já havia um verdadeiro culto ao corpo:

“As estátuas compactas, representando personagens da classe dominante, para garantir a transmigração das almas, eram esculturas com bastante fidelidade anatômica e fotográfica, em blocos monolíticos e estáticos. A pintura obedecia à lei de frontalidade (rosto e membros de lado e tronco de frente) que embora distorcendo e contorcendo o corpo, realçava e evidenciava melhor as suas formas, mesmo quando coberto pelo vestuário. Na Índia, misturando seres humanos e animais sem distinguir o profano do sagrado, a arte apresentava o corpo humano em movimentos graciosos e exuberantes, plenos de alegria e vida. Mas a mais perfeita representação do corpo humano na Antiguidade encontra-se mesmo na arte grega e romana. A arte helenística é uma verdadeira exaltação ao corpo em todos os seus detalhes anatômicos, como se vê nas esculturas Discóbolo de Miron, Afrodite de Cnido, Nascimento de Vênus, Tocadora de Flauta, Apolo de Belvedere, Adriana Adormecida e Laocoonte e seus filhos.” (1996: 51-52)

⁷ CHAUI, Marilena. “Merleau-Ponty – Vida e Obra” In: Maurice Merleau-Ponty. Textos Escolhidos. São Paulo: Nova Cultural. 1984.

⁸ WOLF, Naomi. O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

⁹ SOUZA NETO, Samuel. “Corpo, Cultura e Sociedade” In: Corpo para malhar ou para comunicar? São Paulo: Cidade Nova, 1996.

O culto do corpo em nosso tempo aproxima-se muito do imaginário de corpo grego, atlético, musculoso, o que se denomina atualmente corpo malhado. Mas esse padrão de beleza nem sempre foi assim. Anaruma¹⁰ argumenta que o valor que a sociedade dá ao corpo é um fator que influencia a formação da imagem corporal. Esse valor não é fixo, mas dinâmico e diverso:

“[a]ntigamente se dava muito valor ao corpo gordo. A pessoa gorda era valorizada, estando associada à fartura, à riqueza. Hoje se valoriza o magro. Por conta disso as pessoas que estão fora do padrão de magreza sentem-se discriminadas. Crescemos, assim, tentando seguir um padrão mais imposto pela sociedade do que de acordo com nossa própria constituição. A sociedade cria os padrões de beleza.” (1996: 56)

As características que referem um corpo considerado feio/bonito, atraente/não atraente não possuem diferença para meninas e meninos. Todos prestam atenção aos mesmos detalhes externos, considerando um mesmo padrão de beleza para ambos os sexos. Esse padrão evidencia: corpo malhado, bunda protuberante e rosto bonito. No entanto, também para ambos, esse padrão pode ser dispensado por detalhes que vão além da aparência física, envolvendo sensibilidades corporais que fazem parte do jogo da sedução, indicando sensualidade: a forma de dançar, o olhar, o tom de voz, o gesto. Chegando ao modo de ser das pessoas, mexendo com coisas difíceis de definir no que diz respeito ao que repele e ao que atrai numa pessoa. A expressão “tem que ter um papo cabeça” é uma dessas coisas, pois cabe a cada um, a partir de sua história de vida, definir o que é esse “papo cabeça”. Em todo caso, todos os aspectos mencionados envolvem questões sócio-culturais e condições históricas que são expressa intensamente na dimensão simbólica do corpo.

Sendo assim, pode-se afirmar que a atividade sexual é capital para a constituição de identidades de gênero, masculino e feminino e a noção de corpo está presente nesse contexto, contrapondo corpo feminino ao corpo masculino. O corpo feminino tem que ser contido nas atividades sexuais, pois a relação entre sexo e uso do corpo está associada ao fato de não ser bem vista a variação de parceiros sexuais no caso feminino, pois a imagem de corpo que acompanha toda a vida sexual da mulher é de desgaste, de decomposição, no caso de ela manter relações sexuais com muitos homens. Uma expressão da mãe para sua filha (Tulipa) ao criticar seu comportamento sexual, pode ilustrar esse corpo: “eu já disse pra ela, mulher não pode se deixar usar por aí, por todos os homens, que estraga...que fica estragada”.

Há, portanto, uma percepção de que o corpo feminino se desgasta nas relações sexuais. Fazendo um paralelo com o discurso médico, que costuma fazer um diagnóstico que relaciona o maior número de parceiros com a maior probabilidade de adquirir doenças sexualmente

¹⁰ ANARUMA, Sílvia Marina. “Re-pensando um corpo simbólico” In: Corpo para malhar ou para comunicar? São Paulo: Cidade Nova, 1996.

transmissíveis, é possível chegar à idéia de que este corpo pode não somente se desgastar, mas ser destruído. O corpo desgastado e o corpo destruído aparecem entrelaçados às atividades sexuais femininas. Nesses termos, vários autores, entre eles Foucault (1988)¹¹ e Del Priore (1993)¹², se preocuparam em mostrar o quanto o discurso médico está arraigado ao controle e à repressão da sexualidade feminina. O primeiro autor baseia todo seu estudo sobre a sexualidade na demarcação de discursos sobre o sexo, privilegiando os contextos de poder e de conhecimento. Identifica como um desses discursos o da medicina, como propagador do reconhecimento e imediatamente da repressão da sexualidade feminina, que, por sua vez, foi tratada como uma patologia. Considera que tal discurso é um dos instrumentos mais disciplinadores do prazer feminino. Del Priore enfatiza o controle do corpo pelo olhar médico, expondo como a condição feminina vem se dando historicamente, prescrevendo o quanto o corpo feminino é, ao mesmo tempo, concreta e simbolicamente manipulável em todo esse processo de construção do gênero feminino, sendo essa manipulação responsável pelo escamotear de percepções moralizadoras do espaço sexual da mulher.

Todavia, as meninas são conscientes do poder de sedução que recai sobre a mulher, sabem que podem ser “diabas, sereias e medusas” (DEL PRIORE, 1993)¹³, revolucionando, sendo transgressoras da norma, da ordem estabelecida, tomando para si o controle de seus corpos e de seus sentimentos. A maternidade é bem vinda em todo esse processo. Contudo, também sabem das dificuldades, dos obstáculos que estão imbricados com o que é ser mulher, diante de um mundo que vem sendo construído, tradicionalmente, a partir do domínio masculino. Uma mensagem é dada: ainda é preciso mudar muito coisa na relação homem e mulher, mas essa mudança vem ocorrendo. De certo modo, as meninas apontam para o fato de que o saber médico vem também sendo um grande aliado nesse processo de mudança. Não se pode negar que a medicina vem contribuindo para que as mulheres possam ter mais controle sobre seu corpo, conseqüentemente, sobre suas vidas.

Os meninos indicam que há uma tensão entre o modelo tradicional e o modelo emergente tanto do feminino como do masculino, explicitando o que Falconnet¹⁴ aborda como a crise “na fabricação dos machos”:

“[a]tacados ao nível de comportamentos que sempre consideraram “naturalmente” masculino, os homens têm dois tipos principais de reação: endurecem e aderem a sua personalidade dominadora e autoritária, ou admitem, em diferentes graus de convicção, a legitimidade das reivindicações

¹¹ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

¹² DEL PRIORE, Mary. *Corpo a Corpo com a Mulher: pequena história das transformações do corpo feminino*. São Paulo: SENAC, 2000.

¹³ DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympica; Brasília: Edunb, 1993.

¹⁴ FALCONNET, Georges (et.al.). *A Fabricação dos Machos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

femininas – o que os leva a se sentirem culpados de serem homens, um título que os sobrecarrega de todos os pecados da masculinidade. Em ambos os casos, a inquietação é grande. Extraídos da caricatural atitude de homem “viril”, orgulhosos de assim se considerarem, os homens parecem condenados à confusão ou à insinceridade.” (1977: 10)

Diante disso, é importante ressaltar que essa tensão não afeta somente os homens, mas também as mulheres, na construção de suas histórias individuais e coletivas.